

MUSEOLOGIA

EM FOCO

V.1, N. IX - OUT. 2025

#1 ENTREVISTA COM
MUSEOLÓGO(A)



IX
EDIÇÃO

REVISTA DO CONSELHO REGIONAL DE MUSEOLOGIA
5ª REGIÃO PR/SC

© 2025 Corem 5R

MUSEOLOGIA EM FOCO

Revista do Conselho Regional de Museologia 5ª Região PR/SC

DIRETORIA EXECUTIVA (Gestão 2022-2025)

Presidente
Franciele Maziero

Vice-presidente
João Paulo Corrêa

Secretária
Denize Gonzaga

Tesoureira
Fernanda Cheffer Moreira

Conselheiros(as) titulares
Denize Gonzaga
Fernanda Cheffer Moreira
Franciele Maziero
João Paulo Corrêa
Marcella Monteiro Borel
Letícia Oracilda Acosta Porto

Conselheiro suplente
Luan da Rosa Pacheco

EXPEDIENTE

Edição
COREM 5ª REGIÃO PR/SC

Coordenação
Franciele Maziero - presidente

Projeto gráfico e diagramação
Denize Gonzaga

Edição e revisão textual da entrevista
Denize Gonzaga

Concepção de capa
Denize Gonzaga

Transcrição da entrevista e ISSN
Fernanda Cheffer

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Elaborado pelo Bibliotecário Douglas Lenon da Silva (CRB-1/3655)

M986 Museologia em foco: revista do Conselho Regional de Museologia 5ª região PR/SC [Recurso eletrônico] / Conselho Regional de Museologia 5ª região (COREM5R), v. 1, n. 9 (Entrevista com museólogo(a)) - Florianópolis, SC: COREM5R, 2025-.

Mensal

ISSN: 3085-8623

1. Museologia. 2. Museus. 3. Museus - Periódicos. I. COREM5R.

CDU 069

COREM 5R - AV. MAURO RAMOS, 1344 - FUNDOS - CEP 88020-320 - FLORIANÓPOLIS/SC

As falas dos entrevistados são de sua inteira responsabilidade.

Apresentação

Em 2024, a Lei Federal n.º 7.287/1984, que regulamentou a profissão de museólogo no Brasil, completou 40 anos, mais precisamente no dia 18 de dezembro, data em que se comemora o Dia do Museólogo. Foi um ano mais que especial para todos os profissionais de Museologia do país e, sobretudo, para todos aqueles que lutam pela profissionalização dos museus e espaços de memória, e principalmente pela valorização da profissão.

Em comemoração a esses 40 anos, o COREM 5R realizou o projeto “Live com Museólogo”, por meio do qual foram entrevistados diversos(as) museólogos(as) registrados(as) e atuantes no Conselho. Ao todo, foram realizadas 10 *lives*, que culminaram em entrevistas que serão reunidas nesta publicação ao longo de 2025, tornando-a fonte de pesquisa, de estudo e informação a trabalhadores, estudantes e interessados. Mas, mais do que um aporte técnico e institucional, esta revista tem como principal objetivo disseminar o conhecimento e atuação dos(as) nossos(as) registrados(as) nos diversos museus de nossa jurisdição.

As entrevistas foram realizadas com museólogos(as) de diferentes campos da Museologia, desde Gestão Estratégica até Comunicação Museológica, passando pelo olhar educativo dos museus e o seu papel como instituições de pesquisa e ciência.

Estamos muito felizes que chegamos a 9.^a edição com a entrevista na íntegra com o museólogo Luan da Rosa Pacheco. Agradecemos a todos(as) que aceitaram o convite; a todos(as) que deram o suporte necessário e contribuíram com seus conhecimentos para que esta publicação se tornasse realidade e a todos que nos assistiram e nos acompanham no Instagram. Desejamos que todos os assuntos e informações sobre a área aqui tratados sejam úteis para todos(as) que se interessam por Museologia.

Publicaremos mais duas edições até o final de 2025 com esta proposta e, em 2026, teremos novidades na revista. Acompanhem-nos nas redes sociais. Boa leitura! ■

ENTREVISTA COM MUSEÓLOGO(A)
LUAN DA ROSA PACHECO



Seja criativo, seja curioso e, claro, crie conexões. Isso também pode ser muito bom pra vida, pra outros setores da sociedade, mas pra Museologia é característico. [...] Quando vocês forem ao museu, saibam diferenciar a parte técnica da contemplação. Não vão bitolados. [...] Visite exposições, porque tu vai aprender, e valorize o que as pessoas que estavam ali antes de ti ou, se de repente tu quer trabalhar nesse museu, valorize os trabalhos, essas pessoas.

Luan vive em Toledo/PR. Museólogo do Museu Histórico Willy Barth, é formado em Museologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e possui MBA em Gestão de Projetos Sociais e Culturais. Atua na área da acervos, documentação museológica e exposições.

Franciele Maziero | Boa noite a todos. Boa noite, Luan. Nós agradecemos muitíssimo por você ter aceitado o nosso convite. É um grande prazer te receber aqui. Esperamos que seja um bom bate-papo. Temos um roteiro de perguntas, mas você pode ficar bem à vontade pra comentar, falar um pouco da sua vida, da sua trajetória. Podemos começar com você falando o seu nome, onde você mora, onde se formou, informações mais gerais pra quem vai assistir à *live* ou já está assistindo e quer te conhecer um pouco mais. Lembrando que a *live* fica gravada. As pessoas que não puderem assistir agora poderão assistir depois.

Luan da Rosa Pacheco | Boa noite a todos os presentes. Boa noite, Franciele. Agradeço o convite do Corem 5R. Meu nome é Luan da Rosa Pacheco, tenho 33 anos, sou sagitariano, filho único, natural de Porto Alegre/RS, tricolor (só trazendo esse detalhe). Sou um cara despojado, espontâneo. Agradecer o teu convite pra entender um pouco mais os museólogos que estão no Brasil, o pessoal que está estudando Museologia nas universidades. Estamos aqui para conversar e trocar essas figurinhas.

Franciele | Que bom. A gente fica bem contente de poder receber você. Onde você estudou? No Rio Grande do Sul, né?

Luan | Isso. Vou começar um pouquinho mais de baixo. Eu estudei numa escola, no ensino fundamental e médio, que não existe mais, a Escola Luterana São Paulo, vinculada à Ulbra. Deu umas polêmicas nos anos 2000 e, anos depois, ela deixou de existir. Mas eu fiz o curso de bacharelado em Museologia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Sou da turma de 2010/1.

Franciele | Começou em 2010? Ou antes?

Luan | Eu comecei mesmo em fevereiro/março de 2010, primeiro semestre.

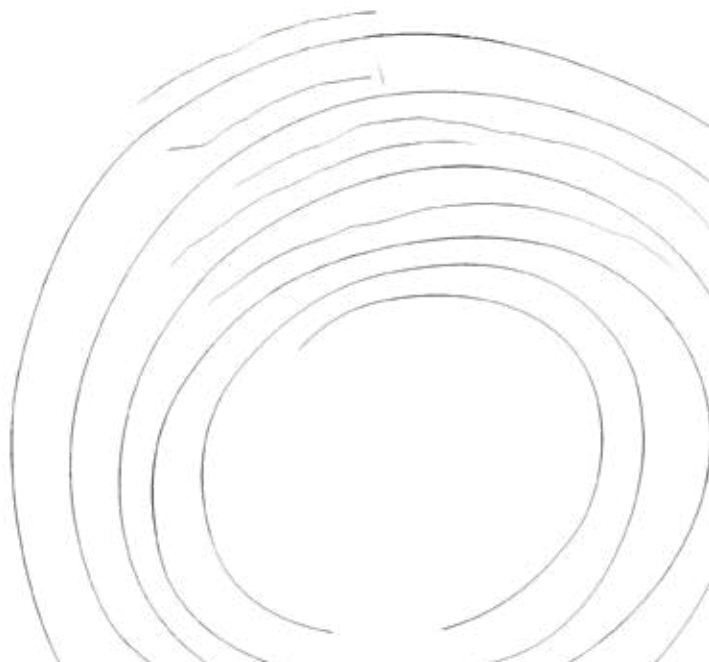
Franciele | Certo. E o que você fazia antes? Já trabalhava com cultura, com museu ou com uma coisa totalmente diferente? O que te motivou a fazer Museologia?

Luan | Vou começar lá do início, trazendo um pouquinho mais de curiosidade da minha vida. Quando eu era pequeno, eu queria ser caminhoneiro. E, detalhe, existiam aqueles programas como o “Siga Bem, Caminhoneiro”, no SBT... Eu era meio que influenciado... “Bah, conhecer o Brasil através das estradas...” Só que depois eu comecei a estudar — nada contra os caminhoneiros, muito pelo contrário — e pensei “Bom, vamos focar numa faculdade desde cedo, pensar num curso pra vida”. Daí eu botei na minha cabeça que eu queria

fazer Engenharia Civil. E pensei “Bah, as notas num bimestre vieram boas; no outro, as de matemática baixaram um pouco. Bah, não é pra mim, não.”

Franciele | Então você chegou a começar Engenharia?

Luan | Não, isso ainda no colégio, querendo algo no futuro. Aí depois eu pensei “Não, vou desistir de Engenharia, mas eu vou investir em Direito. De repente, vou focar em Direito Penal, Direito Tributário, o que for... Vou pilhar”. Aí eu fiquei pensando “Bah, um monte de lei... Não vai rolar...” E onde foi que eu tentei o vestibular? No curso de jornalismo. Tentei na universidade federal mesmo. Não consegui passar. Era uma média de corte alta. Eu me esforcei, mas não consegui. Aí, meses depois de tentar a prova, eu estava estudando, analisando e um certo curso brotou na universidade federal, que chamava bacharel em Museologia. E daí eu fui dar uma olhada na lista de cursos e pensei “Bom, antes de eu ir fundo nessa ideia, eu vou pesquisar mais.” A UFRGS tem o Portas Abertas, que acontece anualmente pra todos conhecerem os cursos, os alunos, os veteranos. Daí eu fui, me interessei. Gostei principalmente porque uma das minhas futuras veteranas disse que eu podia tentar intercâmbio. Bah, meus olhinhos de 18, 19 anos brilharam na hora. Tentei pra 2009, não consegui, pois acabei não fazendo uma boa nota. De 2009 pra 2010, houve mudanças, e o Enem ficou unificado. Eu me inscrevi num cursinho pré-vestibular, me dediquei muito, muito mesmo. Eu trabalhava num turno e estudava no outro, do início ao fim do curso. Em janeiro de 2010, fiz a prova e, uns 20 dias depois, saiu o listão e eu estava aprovado em bacharel em Museologia na 19ª posição de 30 vagas.



Franciele | Sim, então começou por conta de uma curiosidade. Ou você já visitava museus no colégio?

Luan | É uma mescla de coisas. Primeiro, eu não ia tanto a museus quando era pequeno. Ia por causa dos passeios da escola. E isso foi despertando ao longo dos anos, tanto que um dos museus que eu mais amo admiro é o Museu de Ciência e Tecnologia da PUC do Rio Grande do Sul, um dos meus motivos pra tratar a Museologia com criatividade, com diversão e também mesclando o passado e o presente. Foram muito divertidas as experiências. Eu fui duas vezes ao museu e, claro, também tem os outros museus que eu visitei: o Museu [de História] Júlio de Castilhos, o [Museu da Comunicação] Hipólito José da Costa, os museus de Porto Alegre em geral, Casa de Cultura, entre outros.

Franciele | Pergunto porque, segundo os(as) museólogos(as) que entrevistei aqui, são diversos os fatores que fazem as pessoas entrar na Museologia: interesse, curiosidade e outras situações de já estar trabalhando com história, cultura. É um curso bem diferente, né? Então você passa no vestibular, entra em 2010... Como foi esse momento do curso? Como foi pra você cursar Museologia na UFRGS?

Luan | Pois é. A gente se pega hoje, em 2024, olhando para trás e parece que é uma outra Franciele ou um outro Luan, ou não muda tanto, dependendo do olhar. Mas eu observava um Luan mais imaturo naquela época, que era muito empolgado pra entrar na universidade e querer provar para si mesmo que ia ter boas notas, ia aprender bastante, que estava no caminho que gostaria de fato, que era crescer. Porque, quando era pequeno, eu morava na zona norte de Porto Alegre, num conjunto, o Residencial Guapuruvu, também conhecido com Parque dos Maias. E fiz minha vida lá, tanto que, aos 19 anos, eu passei no vestibular (19 pra 20) e, uns 6 meses depois, eu e a minha família — eu, minha mãe e os nossos gatos — saímos da zona norte e fomos pro centro pra eu poder estudar e ficar mais próximo da universidade. E nisso foram 4 anos de desafios, meu caráter foi moldado, conheci pessoas muito incríveis, começando pelos professores, meus tutores, que eu levo pra vida, os colegas de faculdade — não tenho contato com todos, mas os poucos com quem eu ainda falo são muito gente boas. E é isso, sabe? A gente, a cada semestre, ano após ano, vai encarando a vida... A vida é uma eterna universidade, e a UFRGS foi um desses capítulos.

Franciele | E foi tranquilo? Teve dificuldades financeiras? Como foi? O curso era durante o dia? Como foi essa situação pra você?

Luan | Pois bem, quando eu entrei, a dificuldade financeira não era algo — como eu posso dizer — latente, mas estava ali presente, bem próxima. Porque a minha mãe tinha financiado um novo apartamento. Eu só fui começar a fazer estágio seis meses depois que eu entrei na faculdade. Então, naqueles primeiros meses do financiamento, eu não tinha como ajudar. Até consegui ganhar, e era a bolsa ainda. Então a parte financeira ficou um pouco latente no início. Mas eu sempre botei na minha cabeça: com o primeiro salário até o último possível eu vou ajudar nessa casa. Eu podia ganhar 400 reais de bolsa, mas pelo menos 200, 250 eram destinados pra casa, pra ajudar a família. Foram momentos complexos também, porque eu tive que solicitar o auxílio da UFRGS, pros estudantes, pra reduzir o custo do RU [Restaurante Universitário], e conseguir um pequeno valor pra comprar um pen drive e garantir uns custos no xerox. Então eu levei em consideração isso. Eles tinham assistência estudantil, que eu consegui. Foi muito importante pra não precisar ter tanto gasto com xerox ou com papel. E eu quis dar esse retorno também, não só pra universidade, como pra população brasileira, que

paga os nossos estudos de uma federal. Foi importante esse contato. As coisas foram melhorando a partir de 2011, um ano depois desse meu período.

Franciele | E os professores? Você disse que tem contato e um certo carinho por eles até hoje. Vocês se inspirou em alguém? Houve uma disciplina que te chamou atenção?

Luan | Não quero esquecer o nome de nenhum. Vou citar só alguns, mas, professores, se vocês ouvirem isso, é pra todos, pra todos mesmo. A professora que me deu aula no projeto do TCC, Ana Maria Dalla Zen, muito obrigado. Tu é uma mulher gente boa demais, parceirona; agradeço também à minha orientadora de TCC, Carol Gelmini [de Faria], gente boa, uma carioca muito legal. Eu me diverti muito com as orientações dela, que sempre abraçou junto o TCC. Posso citar quem não é do curso também?

Franciele | Claro.

Luan | Ah, perfeito. Quem não era do curso, a Luciana, uma professora muito legal que me apoiou muito num dos meus estágios. Ela trabalhava com música popular no lugar do estágio. Era professora do departamento de Música, e a gente a apelidou de “bossa nova”. Ela era muito legal também nessa parte. A professora Lizete [Dias de Oliveira], também do curso de Museologia. Muito, muito minha amiga. Eu gostei porque ela esteve na minha banca. Então, tanto a essas professoras quanto aos demais professores do curso também — a banca de professores se renovou ao longo dos anos 2000 pra cá — meu abraço fraterno, porque essa conquista de eu estar aqui em Toledo, no Paraná, no Oeste paranaense, é de vocês também.

Franciele | Pra você então é uma conquista estar hoje onde está. Você pode falar com orgulho que é uma grande conquista?

Luan | Digamos que foi uma jornada que começou recentemente. Ela iniciou um novo capítulo, porque na universidade eu tive estágios que me ensinaram bastante, no Instituto Federal, no Alegrete, que foi um cara que me apoiou. Ele foi super gente boa nessa parte, me ensinou bastante. Carregamos muito peso também, mas valeu para a vida.

Franciele | Instituto Federal do Rio Grande do Sul?

Luan | Isso mesmo, do Rio Grande do Sul, antes de ele mudar pro prédio que está hoje, era do lado da faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Daí foi lá que a gente trabalhou, no anexo. Depois, atuei com Museologia no Palácio Piratini, sede do governo do estado do Rio Grande do Sul. Foi curioso, porque eu mandei o meu currículo para o Museu Júlio de Castilhos, não consegui a vaga e fui despachado pro Palácio. E foi uma experiência que eu posso definir como fenomenal. Me enriqueceu muito. O acervo é maravilhoso, espetacular, incrível. Na sequência, eu tive uma oportunidade de trabalhar no Departamento de Música — aproveito pra referenciar a professora Luciana Prass, que me deu apoio na época. Ela foi uma pessoa muito gente boa. Era um estágio de uma bolsa, na verdade — eu reservava salas pros alunos, pros professores. E dava esse apoio. Depois eu tive estágio novamente na área da Museologia, os estágios remunerados, na Casa de Cultura Mário Quintana, no Museu de Arte Contemporânea (MAC). Lá fiquei o ano de 2014, tanto que a minha ex-colega de faculdade, a Danielle, me referenciou lá. O ex-diretor, André Venzon, pôde me permitir essa base técnica da Museologia. Todo dia era Museologia pura, porque eu atuava tanto nas salas de exposição, localizadas nos andares superiores, quanto na reserva técnica. Então, nossa, foi um colher de frutos de um ano que foi maravilhoso em detalhes. Só um bastidor para o pessoal que está aí na *live*. Houve um momento que eu nunca

vou esquecer, pois foi emblemático, importante. Eu estava abrindo as galerias, a Chick Stock e a Sotero Cosme e, como era o ano da Copa do Mundo, 2014, chegaram umas pessoas estrangeiras lá, e eu pensei “Bom, vou atender aqui.” Dava para ver que visualmente tinham um caráter diferente — eu tava ouvindo um murmurinho na conversa entre pais e filhos. Daí eu me aproximei, disse “Bom dia” em inglês, e nisso eles começaram a falar francês. Eu fiquei assistindo, tive um “Bah, eu não sei falar francês”.

Franciele | E agora?

Luan | “I’m sorry, I don’t speak French.” Daí ele “Don’t worry. I talk in English.” Daí a gente começou a falar inglês. Era uma família muito querida, um casal e duas meninas de seis, quatro anos. Elas amaram as galerias, ficaram muito felizes, estavam ali pela Copa do Mundo e vendo a cultura de Porto Alegre. Foi o primeiro contato com estrangeiros no museu na minha vida.

Franciele | Vou fazer um parêntese de um trabalho que eu fiz na Museologia em Blumenau/SC. Eu lembro de ver um estagiário falando alemão com um grupo de alemães. Eu fiquei “Nossa!” São as experiências que a gente tem, seja trabalhando ou estagiando dentro dos museus. São espaços incríveis.

Luan | Sim, são espaços incríveis e dinâmicos, mesmo. Pra mim, foi uma experiência que eu pensei “Talvez eu nunca saiba falar francês a não ser *merci*, no máximo.” Mas eles vão estar no meu coração o resto da vida, porque me fizeram pensar “Bom, vou continuar pesquisando inglês, aprendendo, porque é uma língua universal, e assim eu consigo ter esse contato com eles.” Aí, na sequência, eu terminei o meu período no museu. Meu objetivo principal era desenvolver a documentação do acervo; tanto no Palácio Piratini quanto no Museu de Arte Contemporânea, o objetivo era o mesmo, ir atrás do acervo. Então foi aí que eu ganhei muita experiência em documentação museológica. Fui atrás dos objetos, fiz catalogação, registro... E eu gosto disso, gosto mesmo. Tive apoio das meninas que me ajudaram, a Danielle e os demais colegas da época, e a gente concluiu dentro do prazo no MAC, entregamos e, curiosamente, anos depois, com os demais estagiários, com as demais equipes que passaram pelo museu, foi feito um catálogo do MAC, no qual consta meu nome nos agradecimentos. Depois terminou o estágio, me formei, e a gente vai pra vida real. Na vida real é sem estágio, sem faculdade. E nisso eu tive alguns trabalhos que foram de carteira assinada. Trabalhei na Junta Comercial do Rio Grande do Sul, como terceirizado, durante um ano. Foi um aprendizado. Pelo menos ali eu já tava ganhando um salário mínimo. Deu para ajudar um pouco mais em casa, porque, para quem tá na *live* e não me conhece, hoje eu estou sozinho aqui em Toledo/PR, mas, na época, éramos eu, minha mãe e quatro gatos. Então tinha que ajudar na ração e em outras coisas da casa.

Franciele | Sim, voltando um pouquinho, você falou do seu estágio. Foi na área de documentação museológica?

Luan | Isso.

Franciele | Você já se interessava por essa área no decorrer da faculdade ou foi uma coisa que você pôde escolher? Se quiser comentar um pouquinho...

Luan | Claro, tivemos também os estágios não remunerados, acadêmicos. Nesses, exploraram mais as exposições, as redes sociais, o contato com o público, a criação de folders. Eu tive dois momentos de estágio: um período no Museu do Trabalho, que fica perto da orla do Gasômetro, do Guaíba; depois eu retornei ao Palácio Piratini, fiz algumas horas mais simples —

um parêntese aqui, o currículo da Museologia tava passando por uma reformulação e eu precisava correr pra terminar, mas eu escolhi os locais que eu queria fazer, deu certo, concluí antes da mudança — e foi uma coisa muito importante, porque me permitiu também conhecer mais e ter certeza do tema do meu TCC.

Franciele | Sim, então o seu estágio culminou no TCC?

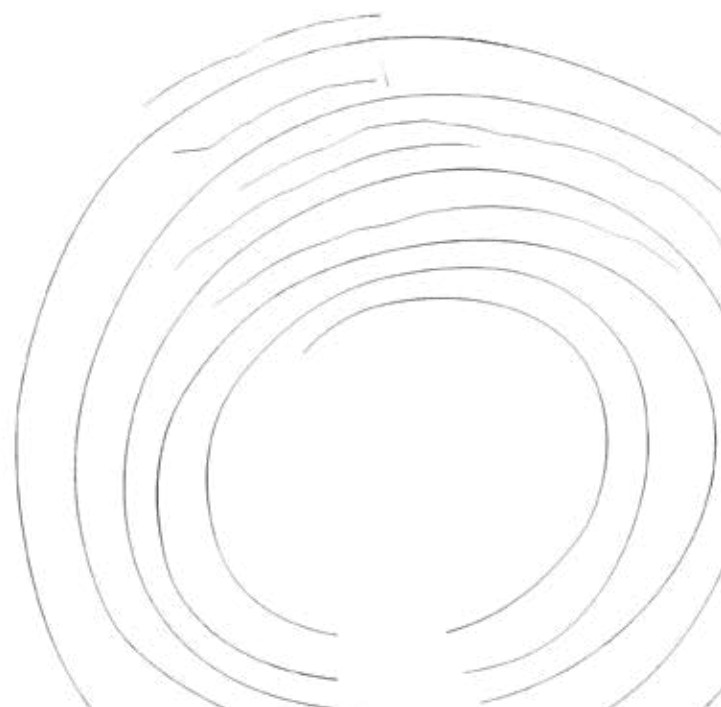
Luan | Isso, eu tive um ano de atuação como estagiário remunerado e, depois, um mês de estágio não remunerado atuando no Palácio Piratini, tudo com a mesma chefia. Ela foi superempática. No meu TCC, eu tive que estudar dois carros históricos do Palácio: o Ford, modelo 1920, e o Stutz, modelo 1930. Tem, inclusive, uma curiosidade muito bacana dele: era um presidiário que dirigia os carros. Ninguém na época sabia dirigir. Eles o tiravam da Casa de Correção para dirigir. Estudei também, a partir da matriz de Peter Van Mensch, o que é significado, funções e materialismo, buscar as suas dimensões, objeto. Deu tudo certo. Foi justamente quando a Carol Gelmini me apoiou. A gente começou o trabalho cedo, porque eu sabia o que eu queria no projeto, seguimos fazendo. Mesmo nas férias de julho, eu segui fazendo, porque eu queria concluir. Em outubro de 2014, foi entregue e, no dia 1º de dezembro de 2014, a gente entregou e recebi conceito “A”. Fiquei muito feliz.

Franciele | Sim. E fez o estágio, terminou o TCC. Você não entra no mercado de trabalho logo que sai, entra? Você consegue outros trabalhos. É isso?

Luan | É isso. Eu trabalhei durante uns sete anos de carteira assinada, mas eu nunca perdi a vontade de fazer concursos públicos. Tanto que, quando eu saí da faculdade, em 2015/1, já no mês seguinte tava viajando pra fazer uma prova em Chapecó/SC. Acabei não passando, mas ali já era pra ganhar rodagem, pois eu já sabia o que queria. E foram seis anos fazendo concursos. De 2015 a 2021, fui fazendo provas, o mínimo às vezes pra fazer a nota de corte, mas aprendendo, não desistindo, focando e também entendendo como eles faziam as perguntas de Museologia e de legislação — “Oh dor de cabeça a legislação!” — nas provas dos concursos. Mas foi um aprendizado bem curioso, peculiar e, claro, não queria desistir, não queria mesmo.

Franciele | E o concurso de Toledo, de que ano é?

Luan | Ah, boa pergunta. Eu gosto de contar essa história, porque ela...



Franciele | Sim, o espaço é teu. Conta as tuas histórias...

Luan | Ouvintes, eu tenho certeza que alguns que estão aqui já ouviram essa história, porque eu a contei mais de uma vez. Mas quem é novo, vamos lá... Eu me inscrevi pro concurso de Toledo no final de 2019, por aí... Era dezembro e eles abriram pra cadastro reserva pra museólogo. Eu tinha saído do eixo Rio Grande do Sul-Santa Catarina, porque eu só me inscrevia nesses concursos até então. Pensei “Tá, vou me inscrever pro Oeste do Paraná.” Eu vi duas coisas: o custo da moradia e o valor da passagem. Eu tinha que ver se eu conseguia ir pra Porto Alegre. Ok, tem ônibus e o custo de moradia era razoável. “Vamos lá.” Aí eu me organizei com meu financeiro pra data que tava confirmada. Dali um pouco, todo mundo sabe o que aconteceu em 2000. Pandemia veio, Covid-19, e um dos meus maiores receios era eles cancelarem o concurso.

Franciele | E não cancelaram, né?

Luan | Não, não cancelaram. Meu medo era “Bah, imagina se esses caras cancelam o concurso? O que eu vou fazer da vida?” Mandeí um e-mail pros caras perguntando o que eles iriam fazer nesse período, porque não tinha ônibus e o governador tinha cancelado viagens interestaduais. Eles disseram “Não, se a gente fizer a prova, vocês vão ser avisados com 15 dias de antecedência”. Aí me deu um estalo. “Cara, eu acho que vou seguir minha intuição.” Às vezes eu não sigo, mas geralmente eu tento seguir, porque às vezes ela acerta, às vezes ela erra. Pensei “Essa prova vai voltar daqui a um ano. Tenho certeza que vai voltar daqui a um ano; mesmo se não terminar a Covid, em um ano, vai ter essa prova.” Aí tiveram uns momentos de mudança da minha vida, porque eu saí de casa, fui dividir apartamento, e acabei indo prum apartamento que ficava perto, mas eu dividi com mais quatro pessoas. Durou pouco a relação, mas eles eram gente boa. Foram três meses. E daí eu fui prum outro apartamento no centro de Porto Alegre. E fiquei três anos lá. Sobre o concurso, eu pensei “Daqui a um ano essa prova vai rolar! Cara, sabe o que eu vou fazer? Uma pós-graduação. Porque eu tô aqui em casa trabalhando, não perdi meu emprego.” A gente teve duas opções: trabalhar seis horas no escritório ou oito horas com o notebook em casa. O notebook me salvou em casa. Eu pensei “Eu vou estudar um ano pra essa prova e seguir estudando de tempos em tempos.” Em abril/maio de 2021, eles disseram “Daqui a 15 dias a gente vai botar essa prova”. Um ano cravado! Nisso eu tava com os estudos alinhados, mas foi aquela coisa, três livros em três dias. Eu dormi pouco, fui estudando. Aí chegou a antevéspera da prova. Eu comprei uma passagem pro sábado, às 6 da manhã, e a prova era domingo, às 8 da manhã. Nisso, o que eu tava pensando? “Se a viagem é às 6 da manhã, eu vou chegar no município por volta da meia-noite. São 17 horas de viagem”. O que aconteceu? Eu acabei tendo uma certa insônia, estudei durante a noite, fiz umas provas de uma outra cidade aqui do eixo do Paraná. Não sei se era Jaraguá ou Guarapuava, uma das duas, não sei qual. Nisso chegou às 6 da manhã, eu com uma insônia forte, e eu tinha um kit sobrevivência de um ou dois dia fora, entrei no ônibus às 6 da manhã e, no que eu entrei, botei a cabeça pro lado e, quando acordei, já tava em Chapecó. Na sequência, segui viagem, e cheguei à meia-noite em Toledo. Detalhe, a prova era às 8 da manhã. Eu fiquei na dúvida, e o pessoal pensou “É louco!” Não, não sou louco. Era só uma economia [inaudível]. Eu olhei pra rodoviária e olhei pro hotel que estava à frente. Por qual tu acha que eu optei? Acabei ficando na rodoviária, por opção, opção mesmo, mas tinha um andar superior. Fiquei num cantinho esperando. Vieram pessoas durante a noite, mas não me incomodaram. Não tive problema nenhum. Cinco e pouco, seis da manhã acabei indo pro local de prova. À base de energético. Não queria deixar claro pros meus concorrentes

que eu tava virado de sono. Fui observando que a cidade tinha umas peculiaridades. Era organizada, bonita. Eu via que era segura. “Vamos vendo como é que vai ser essa relação” Cheguei no local de prova antes de eles colocarem as listas nas paredes. E os caras “De onde tu veio?” “Do Rio Grande do Sul.” “Boa sorte aí!” Fui lá, fiz a prova. Ela não tava impossível — é que o que mais quebra é legislação; e algumas questões de conhecimento específico tavam bem equilibradas. Gostei da prova, foi bem divertido de fazer. Voltei pro shopping da cidade, descansi na mesa da praça de alimentação e peguei o ônibus às 8 da noite. Cheguei em Porto Alegre no dia seguinte, trabalhando dentro do ônibus quando roteava sinal. Vinte ou trinta dias depois, veio o resultado, e eu tinha ficado em primeiro lugar no concurso de Toledo. Fiquei sem reação.

Franciele | Sim, ficou em primeiro, mas tinha outro museólogo em Toledo, né? Eu lembro que ele até pediu pra ser transferido aqui do Corem. Toledo já tem um histórico de profissionais na prefeitura, né?

Luan | Podemos dizer que eu sou o segundo museólogo do município. O primeiro foi o Tiago Graule Machado. Uma abraço, Tiago. Tu deixou uma baita base aqui. Meu respeito e consideração por ti. Aí o Tiago saiu daqui no final do ano passado. Dia 20 de novembro fecha exatamente um ano do chamamento.

Franciele | Então, na verdade, você não está há muito tempo em Toledo. Vai fazer um ano.

Luan | Isso, eu estou há 11 meses aqui. Cheguei dia 29 de dezembro de 2023, botei os pés em definitivo no apartamento e comecei as atribuições no Museu Histórico Willy Barth dia 3 de janeiro de 2024.

Franciele | Sim, e esse processo de saída do Rio Grande do Sul pra chegar ao Oeste do Paraná foi difícil pra você, no sentido de se adaptar à nova realidade cultural de Toledo? Porque tem as diferenças, né? Nós estamos aqui no sul do Brasil, mas tem as diferenças de cada estado. Eu também morei em Chapecó. Hoje não estou mais no Oeste de Santa Catarina, mas eu também sentia uma questão cultural muito diferente do resto do estado. Imagino você, saindo de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, depois chegando em Toledo. Como foi essa relação? Foi difícil a adaptação? Conta pra nós um pouco sobre isso.

Luan | Eu posso dizer que eu sou um cara que gostava de sair de Porto Alegre pra me aventurar um pouquinho em alguns lugares. Sair pra cidades próximas, ver pessoas, conhecer lugares, culturas, etc. e tal. Tanto que a universidade tinha isso. Com relação a Toledo, eu vou te ser bem sincero: são 150.000 pessoas aqui hoje. Quando eu cheguei, uma das coisas que eu pude perceber foi, digamos, não um estranhamento, mas um olhar de “Esse guri não é daqui. Ele é um forasteiro”. E esse olhar foi seguindo por um tempo. E eu pensando “Gente, tem um bar a mais ou menos três quadras do museu.” E eu meio que via nos primeiros dias os mesmos caras ali me olhando. Eu pensava “Eu sei que não vai acontecer nada, mas o olhar dele soou como “Jovem, tu tá aqui a passeio ou tu tá aqui pra morar? Quem é tu na fila do pão?” É basicamente aquele julgamento indireto. Mas eu pude também perceber que, ao longo dos meses, esses olhares foram mudando, porque as pessoas foram me vendo passando todos os dias nos lugares. “Ah, ele veio pra morar.” Eles foram receptivos desde o início, mas o olhar foi [inaudível]... Tá ali no museu ou nas universidades próximas. Então o olhar que parecia de forasteiro passou a ser um olhar de “A gente pode sentir falta dessa figura se não passar mais aqui.” “Ah, aquele fulano que a gente conhece.” Sabe? E como eu sigo praticamente a mesma rota, tem um tiozinho aqui a

três ruas do museu que tá sentado na cadeirinha dele no fim da tarde, 5 e meia, e sempre que eu passo ali de bike dou um oi e ele também retorna o oi. Então foi essa relação que foi se construindo aos poucos. Posso perceber que as pessoas aqui em Toledo, seja no local de trabalho, no mercado, na ferragem, na farmácia, são muito simpáticas e acolhedoras. Eu não senti depois de alguns meses que ainda havia uma resistência às pessoas que chegam. Então as coisas funcionam conforme o tempo passa.

Franciele | Sim, que bom. Tem muitas pessoas que trabalham com concursos e sentem muito essas diferenças culturais e, às vezes, certos preconceitos, né? Mas é justamente isso “Quem é você, veio de fora.” À medida que o tempo vai passando, as pessoas vão se familiarizando. Eu sei porque também trabalhei muito com concurso e também era assim. Cada ano uma região e passava às vezes por isso também. Mas comenta pra nós, hoje, o que você faz em termos de serviço museológico dentro do museu. Porque eu vi que você tem bastante notícia na internet ligada à exposição, a acervos, mas qual é o seu trabalho no dia a dia? A pessoa que vai chegar no museu de Toledo vai te ver fazendo o quê?

Luan | São 11 meses. Parece que já foram duas, três, quatro vezes mais. O que eu posso te dizer? As principais funções no Museu Histórico Willy Barth são: *social media* — não temos uma pessoa para isso, então eu atuo nessa parte; elaboração de projetos — tô apoiando direto os projetos — e, um parêntese aqui, a Secretaria da Cultura, neste ano de 2024, foi superparceira, nos ouviu muito. Então, meu abraço pra atual secretária, Priscila Kassandra [Turetta] e também pra Cris [Cristiane Xavier Candido], a diretora [do Departamento de Cultura], que foram sempre parceiras com a gente o ano inteiro —; atendimento ao público — atendimento ao público é uma coisa que eu revezo com o historiador; então ele me apoia bastante nisso com as escolas, que é um dos principais públicos do museu, tanto municipal, estadual, quanto de outros municípios —; expografia, montagem de exposição — eu monto muitas exposições. A título de curiosidade, neste ano, foram 15 exposições.

Franciele | Sim, eu andei procurando na internet e vi bastante exposições. Então digamos que isso é um ponto forte, né? É um ponto positivo essa questão das atividades culturais, ações culturais, planejamento de exposições. Bem interessante.

Luan | A documentação do museu também. Eu fico responsável e, claro, revezo com o historiador a parte de comunicação social, de conversar com os jornais, com a equipe de TV — tô te falando o que aconteceu neste ano —, de conversar com os blogs que estão interessados, os podcasts. E, por último, coordenação geral, porque volta e meia eu dou aquele apoio no administrativo. Eu estou lá batendo na tecla dos meus colegas do administrativo, enchendo o saco da estagiária, do historiador, pra que a gente faça certo, pra que as coisas funcionem. Então eu converso com todas as frentes. Como a gente aprendeu na Museologia no primeiro ano, é um curso multidisciplinar.

Franciele | Isso, multidisciplinar. E você trabalha com uma equipe formada por historiadores, estagiários, administrativo. É uma equipe grande?

Luan | Não é uma equipe grande, mas é uma equipe efetiva. Quero mandar o meu abraço pra todos eles neste momento. Vamos lá: ao historiador Felipe, “tamo junto”. Olha, tu segura as coisas comigo lá e estamos nos puxando lá. Obrigadão.

Franciele | Um segurando o outro...

Luan | Sim, estamos abraçados. Não somos os violinistas do

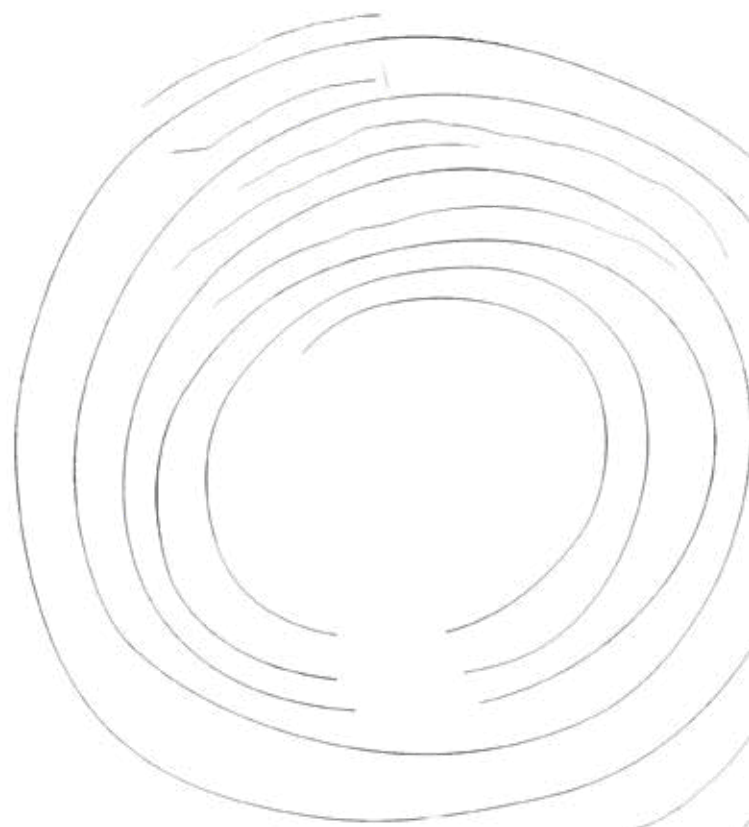
Titanic, mas... Tem também a zeladora do museu, que eu acho uma pessoa muito gentil, muito querida, a dona Terezinha. Ela é sinônimo de pessoa agradável de se conversar e muito gente boa; faz um trabalho exemplar no museu. Obrigadão, dona Terezinha. Na parte administrativa, a gente tem também a Delize e o Alessandro. Eu incomodo vocês, mas vocês sabem que tem uma finalidade e podem me incomodar também. A gente tem que fazer com que o Museu Willy Barth siga as premissas que a gente buscou no plano museológico. E também, não menos importante, mas já tá de saída no mês que vem, a nossa estagiária, a Rebeca. Guriazinha dedicada. Rebeca, vai aqui ao vivo na conversa uma coisa positiva tua e uma coisa pra tu melhorar. Agora que tu tá indo, focando na faculdade: tu é muito dedicada, um ponto positivo. Tu tá de parabéns por todo esse empenho que tu nos trouxe. Eu fui descobrir que ela sabia mexer em Canvas agora, duas, três semanas atrás, mas meus parabéns.

Franciele | Ah, esse pessoal sabe mexer com tudo. Uma maravilha.

Luan | Mas o ponto negativo, Rebeca, que eu desejo que tu aprimore é a proatividade. Leva isso para tua vida, tá bom? Então, meus parabéns pra minha equipe. Eu fico muito feliz de ter uma equipe engajada, que queira fazer um museu ser sempre uma referência no bairro Vila Becker e também para a cidade de Toledo.

Franciele | Sim. Bacana. E pensando nos desafios que toda a área museológica vem enfrentando nos últimos anos. O desmantelamento da área cultural, de patrimônio e Museologia no nosso país. Quais são os desafios que você encontra como profissional no dia a dia? Tem desafios ou tá tudo tranquilo?

Luan | Envolve tanto o antigo museólogo quanto eu, hoje, mas é uma característica incomum. Em 2023, o museu passou por uma reforma. Foi totalmente reformado. A estrutura interna tá esplêndida, funcionando, legal. Ele é um ponto de referência pra gente e foi uma boa base para eu trabalhar. E agradeço também, novamente, o Tiago, pois ele deixou as reservas, os espaços bem organizadinhos, e isso me ajudou bastante pro início dos trabalhos. Mas uma coisa que eu tenho como meta — o nosso plano museológico foi feito este ano durante seis meses de trabalho, então expira 2029 — é a documentação do museu, algo no qual eu vou me debruçar forte. Por quê? O museu completará 40 anos de vida este ano. Tanto a profissão



de museólogo quanto o museu têm 40 anos. Fazem aniversário no mesmo ano. Só que a sede que a gente tá hoje tem 9 anos. Ano que vem vai fazer 10. Então, os desafios são, primeiro, pensar a documentação do museu a longo prazo, pois ela tem que conversar, tem que ser síncrona com a proposta. Temos 3 reservas técnicas; então tu já viu que é um desafio considerável.

Franciele | Os objetos estão separados por tipo de material, temática? Por que vocês têm três reservas?

Luan | Foi a organização feita pelo antigo museólogo, e eu achei que funcionou bem. São duas reservas objetais e uma de arquivo.

Franciele | Hum, legal, bem bacana.

Luan | A gente já mandou e encaminhou projetos, o plano museológico, o que a gente necessita, o que a gente quer de metas nos 12 programas. Tá tudo bem escrito lá. Foram seis meses de trabalho em cima do plano. E nisso, não apenas a documentação museológica, mas tem um segundo aspecto muito importante: o pedagógico, educativo do museu.

Franciele | Hoje tem alguém que faz ou é você também tá cuidando disso?

Luan | Isso, eu tô cuidando. Eu senti que o pedagógico tinha que ser reformulado. E pensei “Eu vou reformular e vou entregar para esse museu, nos seus dez anos, porque tem um ano, um ano e meio para estruturar isso da maneira que eu quero; pensar, com calma, não fazer a toque de caixa, só porque está em estágio probatório e quer provar tudo do dia pra noite. Não é isso. Eu penso planejamento estratégico e tô construindo isso. Um parêntese aqui: o estratégico foi muito forte na construção das atribuições, dos trabalhos feitos lá; então, trazer pra realidade do museu duas características que eu quero abraçar forte, documentação e pedagógico, porque tá tudo muito bem encaminhado e muito bem estruturada a acessibilidade do museu. Tá excelente, excelente mesmo. Tanto que agora, falando da acessibilidade, na última Primavera dos Museus, a gente foi na cidade vizinha, Cascavel, e tivemos uma conversa com uma museóloga que fez uma palestra do dia inteiro pra um monte de gente e apresentou *slides* muito bacanas sobre questões das pessoas cegas, surdas, surdo-mudas e diversos aspectos. A gente tá abraçando e atribuindo isso no museu aos poucos, porque a proposta de acessibilidade é contínua. A gente não pode achar que o visitante vai avisar quando vem. Tem que estar pronto para recebê-lo.

Franciele | Sim, tem que estar pronto.

Luan | A gente leva muito a sério a acessibilidade do museu.

Franciele | Certo. E os teus sonhos? Você comentou muito sobre a documentação museológica, que você deseja arrumar, refazer — e a gente sabe que é uma das áreas mais trabalhadas do museu. Mas tem algum sonho ainda na sua profissão, uma coisa que você deseja compartilhar com o nosso público?

Luan | O trabalho do museu vai ser contínuo, tanto nos projetos internos quanto externos. O Tiago me entregou o museu numa condição bem regular. Se um dia eu acabar saindo aqui de Toledo, por qualquer motivo, eu quero entregar o museu tão bem quanto o Tiago deixou. Então, eu posso perceber que a Museologia tá se ajudando bastante com os materiais que são distribuídos na internet, com conversa com os museólogos. Isso tá sendo um excelente “colchão” em relação à técnica. Posso dizer que um sonho é tornar esse museu uma referência aqui ou uma das referências do Oeste paranaense, porque uma das características que pode ter sido um princípio, um primeiro capítulo nessa parte foi uma das exposições em parceria com

Itaipu binacional neste ano, a “Ciência na Esfera”. A gente botou um grande globo no nosso auditório, com tecnologia imersiva, com quatro projetores que mostravam planetas: Marte, Júpiter, Lua, Sol, questões climáticas e outras coisas da ciência. A gente trouxe muita criança, não apenas de Toledo, mas de Cascavel, Palotina, Cafelândia, Assis Chateaubriand, de vários municípios só para ver o globo. Foi uma relação muito, mas muito positiva. Teve um retorno muito incrível. E é isso que eu quero trazer para o museu de Toledo: fazer com que a cidade vizinha tenha interesse de estar presente aqui, conhecer a história da cidade, conhecer também como a gente tá conduzindo os nossos trabalhos, como a gente pensa a Museologia, seja nas exposições, na nossa documentação, e fazer com que os pesquisadores aqui da região, das seis universidades tenham interesse em fazer pesquisas com a gente; tentar tornar a pesquisa mais acessível, com materiais em nuvem. A gente tá trabalhando pra isso. O serviço público pode às vezes parecer burocrático, mas ele também tem vontade de que as coisas cresçam muito. E a gente quer buscar isso principalmente pros alunos das universidades, pras crianças que vêm nos visitar, pra que elas queiram estar sempre mais uma vez no museu.

Franciele | Visitar e voltar, né? Não ir somente uma vez... E o profissional do futuro? Como você o vê? Quem vai ser o museólogo do futuro? É aquela pessoa que vai estar estudando mais, que vai ser mais proativa ou a que vai estar antenada com a inteligência artificial? Como você vê essa questão?

Luan | Eu vou responder essa pergunta com base na minha realidade. Eu acabei de escrever, em 2022, um romance. Estou em vias de, quem sabe, publicar, ver verba e publicar.

Franciele | Nossa! Parabéns!

Luan | Muito obrigado. Valeu mesmo. O meu objetivo é colocar num trecho do livro o seguinte: nenhum caractere foi utilizado por IA. Então isso já diz um pouco sobre a minha pessoa, e eu espero que os museólogos do futuro tenham essa visão. O museu é dinâmico. Pode ter algum trecho que tu dependa de IA, mas de repente foi o acordado com os demais profissionais que trabalham lá. Mas tenta ser o mais orgânico possível na tua produção, o mais verdadeiro possível, porque museu é de pessoas pra pessoas. Tu não tá fazendo pra uma máquina. Isso é importante pro olhar do museólogo ficar mais aguçado, ficar mais na parte curatorial, mais sensível, buscar as causas sociais que acontecem. Pensar que tu não tá fazendo o museu pra um grupo, tu tá fazendo um museu pras pessoas. Ele pode, no olhar de um ser humano, ser ideológico, mas para outros, na parte profissional, tu tá fazendo pra todas as pessoas, porque recebemos todos os públicos. E é isso que o profissional que vai tomar a frente, seja no primeiro ano de pós-graduado ou depois do mestrado, doutorado, tem que ter em mente: construir um museu para as pessoas.

Franciele | Então o museólogo do futuro vai ser essa pessoa preocupada com o seu público? Ver o museu inserido nas problemáticas? É isso, na sua opinião?

Luan | Tanto que uma coisa que tem que conversar é o passado e o presente. Eu admito que o museólogo do futuro tem que ser constantemente criativo e curioso. Por quê?

Franciele | E é difícil museólogo criativo. Ele é muito essa coisa do processo, das metodologias. Eu digo por mim. Eu não me considero uma pessoa criativa.

Luan | Não, não. No processo dá uma travada, mas quando a gente tem tempo pra pensar e quer buscar, aí que tá o brilho. Eu vou te dar alguns exemplos. Eu jogo videogame desde os quatro anos e foi justamente isso que estimulou a minha

criatividade. Levo pro ambiente pedagógico do museu, nas exposições, e meio que faço com que o olhar pro objeto que está na reserva, parado, muitas vezes possa ser ressignificado, possa ir pra sala de exposição, ser estudado... Vou te dar um exemplo.

Franciele | Sim, com certeza.

Luan | Essa exposição que fizemos no final deste mês, do Outubro Rosa, Novembro Azul, consciência e saúde, foi elaborada há 6 meses por mim e pela equipe do museu, porque a gente tava pensando “Bah, vamos começar a pensar o calendário expositivo.” A gente pode começar a averiguar e tal. Caminhou-se também para um chamamento público, que foi muito positivo, mas também o museu tem que ter suas exposições autorais. E foi aí que eu olhei e vi “Poxa, tem bastante coisa azul aqui. Será que tem bastante coisa rosa?” Já pensando lá em maio e junho. A gente foi buscando, foi estudando. E eu quis equilibrar, porque ambas as campanhas têm valores iguais. Eu quis encontrar sete objetos rosas e sete objetos azuis. Foi quase impossível achar rosa, mas consegui achar, colocando na exposição. Deu um retorno muito positivo. Os jornais do município cobriram; teve também uma rádio local que cobriu. A gente fez clipagem disso. Foi uma experiência muito legal, porque, se daqui a alguns meses, chegar um visitante e disser, eu estimei meu pai ou estimei minha avó, quem for, pra fazer o exame, porque eu vi a exposição aqui, já valeu todo o esforço, sabe?

Franciele | Sim, com certeza. É importante o museu estar antenado com essas datas e situações. Mostra que ele tá em diálogo com a comunidade, com a sociedade. Estendo o meu parabéns pro museu, porque eu vejo que ele tá envolvido nessas questões sociais, exposições, atividades. Bem bacana. Agora, caminhando pro fim da *live*, eu queria saber se você tem alguma mensagem ou dica pra deixar pros museólogos que estão se formando, pros que estão dentro da faculdade ainda ou pras pessoas que às vezes podem assistir à *live* e se interessar em cursar Museologia?

Luan | Então, para quem já está na atividade ou recém-formado: crie conexão. É fundamental criar conexões. Vi, nos primeiros dias de faculdade, que a ciência dos museus/Museologia é um curso multidisciplinar. Tu não consegue fazer um museu sozinho. Tu não consegue empurrar aquela estrutura de um andar ou dois andares, ou um quarteirão, sozinho com a tua força de vontade. Crie conexões, porque tu vai ter uma futura palestra, uma futura oficina, um futuro pesquisador que vai querer te dar o apoio no teu museu. Num futuro, de repente, um comunicador social que vai querer levar esse museu para outros municípios, outras cidades. Então, essas conexões são vitais para a saúde do museu.

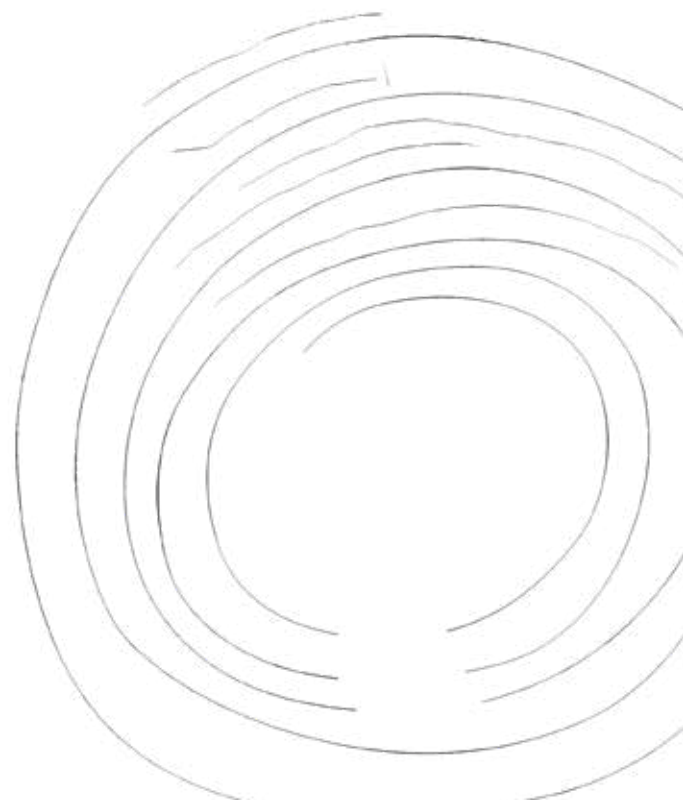
Franciele | Com parcerias, né?

Luan | Isso. A gente chama aqui de parcerias estratégicas, mas, na informalidade, parcerias, pra que o teu museu não fique isolado num cantinho. “Ah, criei a exposição tal e botei lá os objetos pra expor ou recebi uma turma”. Não fica nisso. Seja criativo, seja curioso e, claro, crie conexões. Isso também pode ser muito bom pra vida, pra outras outros setores da sociedade, mas pra Museologia é característico. E principalmente agora pro pessoal que está na faculdade: quando tu for visitar um museu, tenta... Existe, digamos, a tecla SAP — eu acho que todo mundo aqui na *live* deve ter ouvido falar da tecla SAP, que tu troca o idioma, ou o interruptor de liga e desliga. Quando vocês forem ao museu, saibam diferenciar a parte técnica da contemplação. Não vão bitolados. “Nossa, tá um pouquinho mais acima o quadro.” “Nossa, mas o móvel não tá ajustado ali na parede; o quadro tá torto.” Respeita que tu vai ser

respeitado. Vou dar um exemplo real: eu fui pra Argentina em 2014, ao Museu de Arte Moderna. Lindo! Eu gostei das exposições das mulheres e de uma sala hiperbranca, que eu não sei como é que eles botaram aqueles quadros que pareciam voando numa sala totalmente branca. Eu tava caminhando e observei que um dos quadros tava visivelmente torto, porque ele estava preso por prendedores. E parece que um prendedor caiu. Eu não entrei naquele julgamento de “Olha só o que esses argentinos estão fazendo de baderna aqui. Não sabem colocar uma obra na parede”. Não, eu educadamente fui até a recepção e falei — não sei falar espanhol — “Eu encontrei uma obra lá em cima que parece que soltou da parede. Vocês podem dar uma conferida?” A menina chamou o gerente, o responsável da exposição. Mostrei e ele me agradeceu dizendo “Você foi muito gentil”. E é isso: vá pra esses locais, contemplar a obra, mas também, se tu quiser, liga a tecla SAP, pra aprender. Visite exposições, porque tu vai aprender, e valorize o que as pessoas que estavam ali antes de ti ou, se de repente tu quer trabalhar nesse museu, valorize os trabalhos, essas pessoas. Quando a gente vê o número anterior na ficha catalográfica, é isso; valorize aquele trabalho. Aquilo é para facilitar a tua vida, mas também mostrar que é importante seguir em frente, porque tu vai melhorar pro próximo e pro próximo. Museologia é um trabalho de continuidade.

Franciele | Sim, bacana tu dizer isso, porque a gente percebe que não existe essa continuidade dos trabalhos nos museus. Então é importante os museólogos dialogarem entre si, formarem essa rede. “Estou saindo do museu, mas você vai entrar, veja lá o que eu fiz, veja se você pode melhorar.” E também esta percepção: visitar os museus e não olhar só pro lado das fragilidades da instituição que tá visitando, mas também olhar com carinho, com um olhar especial pras coisas boas. Queres deixar uma mensagem final ou podemos encerrar?

Luan | Eu queria agradecer todo mundo que tá na *live*. Eu posso dizer que não sou muito de falar tanto no meu dia a dia. Geralmente a gente manda um áudio ou coisa. Estamos acostumados a mandar áudio de um minuto ou dois. Passou de três ou quatro é podcast. Mas agradeço quem ficou na *live* até agora pra me ouvir. Eu posso te dizer que tanto da minha família quanto dos meus amigos em Porto Alegre eu sinto saudade. Foi uma adaptação que eu tive que aprender. Sair de casa ainda em 2020 foi, digamos, uma espécie de aprendizado e tá sendo refletido aqui. Em breve terei oportunidade de férias ou até mesmo de ir pra Porto Alegre pra visitar vocês. Amigos



que não estão em Porto Alegre, como por exemplo, um dos nossos amigos que tá na Serra gaúcha, do grupo de RPG, abraço. E também acho que a pessoa que tá com mais saudade nesse ano inteiro, a Loreci de Lourdes da Rosa Pacheco, minha mãe, que deve tá contando as horas para me ver. Mãe, sabe por que eu fiz essa *live* hoje com esse chapéu, justamente para tu estar comigo? Foi tu que me deu esse chapéu, né? Então eu fiz essa *live* o tempo inteiro por causa disso. E pros três gatos. Abraço a todos vocês. E, gurizada que tá na Museologia, meus professores que estão apoiando cada um — eu aqui também tô abraçado com os profissionais —, não desistam, não desistam. O Brasil é um país que às vezes testa nossas paciências, mas, pode ter certeza, a gente vai conseguir, gurizada. Estamos juntos sempre. Muito obrigado.

Franciele | Que bom, Luan, fico feliz pela tua mensagem. Em nome do Conselho Regional de Museologia 5ª Região, que abrange Santa Catarina e Paraná, gostaria de agradecer o teu tempo, a tua disponibilidade de ficar aqui das 21h até 22h20 e quero te desejar muito sucesso, muita prosperidade, muito trabalho em Toledo. Sei que é uma região, uma cidade bacana. Espero que você consiga — como comentou aqui — firmar as parcerias, conciliar a documentação museológica do museu. O Corem 5R está à sua disposição e de todo o museu, de toda a prefeitura de Toledo. Praquilo que precisar, pode chamar.

Luan | Muito obrigado, Franciele, pelo apoio. Foi uma conversa muito bacana e, qualquer necessidade, a gente entra em contato. Agora vai entrar uma nova gestão, porque mudou a questão eleitoral aqui. Meu agradecimento não apenas ao pessoal da Secretaria da Cultura, à Priscila Kassandra e à Cris, mas também a todos os servidores, que são gente boa e estão abraçados todos os dias no trabalho. E, claro, por último e não menos importante, valeu, Felipe, Alessandro, Denise, dona Terezinha e Rebeca. Muito obrigado por tudo.

Franciele | Grande abraço. Lembrar que agora em dezembro nós vamos ter a nossa última *live* e que as eleições estão abertas. Inclusive, você, Luan, se quiser se candidatar pra suplente, até 17 de novembro estaremos recebendo as candidaturas. Gente, um abraço. Quem não assistiu à *live*, ela vai ficar gravada aqui. Podem assistir depois...

Luan | Tchau. Boa noite, gente.

Conselho Regional de Museologia 5ª Região PR/SC

O Conselho Regional de Museologia da 5.ª Região – COREM 5R, que compreende os estados de Santa Catarina e Paraná, é uma autarquia de caráter fiscalizador e orientador do exercício da profissão de museólogo, conforme previsto na Lei n.º 7.287/1984 e regulamentado pelo Decreto n.º 91.775/1985.

Exerce um papel fundamental na valorização e no fortalecimento da profissão de museólogo na região sul do Brasil, assegurando que as atividades museológicas sejam conduzidas por profissionais devidamente registrados, regulares e comprometidos com a ética profissional e com os parâmetros técnicos estabelecidos. A abrangência territorial do COREM 5R engloba uma região caracterizada por sua rica diversidade cultural, histórica e patrimonial.

Os estados de Santa Catarina e Paraná contam com expressivo número de museus, espaços de memória e instituições culturais que desempenham papel essencial na preservação e promoção do patrimônio material e imaterial. Nesse contexto, o conselho torna-se um agente estratégico na articulação entre profissionais, instituições e sociedade civil.

Entre suas principais atribuições, estão o registro e a fiscalização do exercício profissional, o zelo pelo cumprimento do Código de Ética Profissional do Museólogo, bem como a promoção de ações orientativas e educativas voltadas ao fortalecimento da Museologia como campo científico e profissional. O COREM 5R também atua como instância consultiva e propositiva com órgãos governamentais e entidades da sociedade civil.

Ao assegurar a qualificação técnica dos profissionais e a observância das normas éticas e legais, contribui diretamente para a preservação, valorização e difusão do patrimônio cultural da região, promovendo uma Museologia comprometida com a legislação brasileira, com a responsabilidade social e solidária, com a sustentabilidade e com o fortalecimento das identidades locais.

Dessa forma, o Conselho Regional de Museologia da 5ª Região reafirma seu compromisso institucional com a sociedade, com os museólogos e com a proteção e valorização do patrimônio cultural nos estados de Santa Catarina e Paraná.

SITE

www.corem5r.org.br

INSTAGRAM

[@corem5r](https://www.instagram.com/corem5r)

E-MAIL PRESIDÊNCIA

presidente.corem5r@gmail.com

E-MAIL SECRETARIA

contato@corem5r.org.br

E-MAIL TESOUREARIA

tesourariacorem5r@gmail.com

ENDEREÇO COREM 5R

Av. Mauro Ramos, 1344 - Centro
Florianópolis/SC CEP: 88020-302

WHATSAPP COREM 5R

48 9 9994.5855